

EM DEMANDA DE UMA TÓPICA
DA FLORESTA DE ENGANOS
SOCIOLOGIA DA CULTURA E DILEMAS DE POLÍTICA CULTURAL

Paulo Ferreira da Cunha¹

Em memória de Francisco Puy Muñoz (1936-2024)

*Nam havia em Portugal
nos tempos mais ancianos,
tantas maneiras de enganar,
nem tantos males dum mal...*

Gil Vicente, *Auto da Floresta de Enganos*,
1536, vv. 239-242

Resumo: Partindo da distinção de Pareto entre resíduos e derivações, elencam-se elementos para uma tópica de obstáculos a uma atitude racional e objetiva generalizada nas nossas sociedades, muito presas de obscurantismos, preconceitos e falsidades, umas de índole tradicional e outras de desabridas novidades sem os pés na terra. Perante os vários candidatos a formatar as crenças e o quotidiano das pessoas normais, das massas, que proliferam hoje, em novas (e velhas) ideologias gémeas-inimigas, um empreendimento rigoroso e científico de levantamento sócio psicológico destes tópicos e subsequente afirmação dos seus resultados podem suscitar mais que simples polémica. O autor opta por deixar registada em ata as suas apreensões, confrontando os vários agentes sociais com as suas responsabilidades, não pretendendo que esta ou aquela atitude seja a mais correta, sobretudo no contexto social que se vive. Sem dúvida que, vindo o tempo, a aurora substituirá a noite. E sempre assim será.

Palavras Chave: Vilfredo Pareto, resíduos, derivações, Raymond Aron, tópica, enganar, obscurantismo, sociologia da cultura.

Abstract: Based on Pareto's distinction between residues and derivations, elements are listed for a topic of obstacles to a widespread rational and objective attitude in our societies, very prey to obscurantism, prejudices and falsehoods, some of a traditional nature and others of wild novelties without feet on the ground. Faced with the various candidates for shaping the beliefs and daily lives of normal people, the masses, which proliferate today, into new (and old) twin-enemy ideologies, a rigorous and scientific undertaking of socio-psychological survey of these topics and subsequent affirmation of their results can raise more than just controversy. The author chooses to record his concerns, confronting the various social agents with their responsibilities, not pretending that this or that attitude is the most correct, especially in the social context in which we live. Without a doubt, when the time comes, the dawn will replace the night. And it will always be that way.

Keywords: Vilfredo Pareto, residues, derivations, Raymond Aron, topical, mistakes, obscurantism, sociology of culture.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença).

I. *Inspirações de Vilfredo Pareto à luz de Raymond Aron*²

Uma nota prévia: o trecho citado do Auto da “Floresta de Enganos”, de Gil Vicente, nada tem a ver com os tempos presentes, como é óbvio. O dramaturgo quinhentista fazia-se eco do mito da idade do ouro, nada mais... Já nessa altura o passado (algum) era mitificado. O que se trata, hoje, não é de glorificar um tempo transcorrido, nem de dele ter saudades. O caminho está em frente. Mas isso não significa que se fechem obstinadamente os olhos aos problemas do presente.

Comecemos então verdadeiramente, de forma imprevista, por um autor relativamente esquecido, salvo para os especialistas, evidentemente³. Vilfredo Pareto não é presentemente uma referência na moda. Um veredito sobre a sua obra, e mais ainda sobre a sua ação científica e política, não caberia neste estudo, nem é nossa intenção empreendê-lo. Traz-se à colação com um simples tópico dentro de preocupações mais vastas, que pode ilustrar ou sugerir e, para nós, de momento, nada mais. Mas já se nos afigura muito...

O grande sociólogo e sobretudo o observador agudíssimo que foi Raymond Aron, em prefácio ao *Tratado de Sociologia Geral*⁴ do outrora controverso e hoje muito esquecido autor, confessou, numa fórmula elegante, o que decerto (quase) todos poderíamos confessar. Aliás, fê-lo em jeito difusamente coletivo, e com uma significativa fórmula interrogativa. Permitimo-nos traduzir livremente as suas palavras: “Alguém terá alguma vez lido o *Tratado*, do princípio ao fim, sem saltar uma única linha?”. E depois,

² Retomamos neste ponto, embora noutra clave e com escopo diverso, esse facto cultural a nosso ver deveras interessante que é a assunção sem complexos por Aron da sua especial atitude de leitor do *Tratado* de Pareto, precisamente ao prefaciá-lo numa sua nova edição. Tal já nos tinha impressionado, e disso demos conta no nosso *Arte Justa. Constituição & Justiça na Sociedade Global*, Coimbra, Gestlegal, 2022, p. 218 ss.. A questão de fundo do presente estudo é, contudo, bem diversa, como se verá...

³ Significativa ausência (tanto quanto permite declarar um folhear consciencioso, mas não infalível), por exemplo, em DURAND, Gilbert — *Les grands textes de la sociologie moderne*, Paris, Bordas, 1969, ou em FOURNIER, Martine (dir.) — *La Bibliothèque idéale des Sciences Humaines*, Auxerre, Éditions Sciences Humaines, 2006 e GUILLAUME, Marc (dir.) — *L'État des Sciences Sociales en France*, Paris, La Découverte, 1986. Entretanto, quase nos surpreendemos por ver este autor tratado no manual de GRAWITZ, Madeleine — *Méthodes des Sciences Sociales*, 7.^a ed., Paris, Dalloz, 1986, p. 105, em diálogo com as opiniões de Raymond Aron e com veredito em geral negativo, nomeadamente pela contradição entre a vontade de rigor e o resultado, pouco objetivo.

⁴ PARETO, Vilfredo — *Traité de Sociologie Générale*, com prefácio de Raymond Aron, Genève/Paris, Droz, 1968, máx. p. VIII e ss..

entra no terreno também dúctil da reminiscência, afirmando que, se a memória lhe não falhava, na sua juventude, quando frequentou a obra, “escapava ao aborrecimento (...) saltando os parágrafos ou percorrendo as páginas que não traziam nada de novo”. Além disso, aponta uma questão importantíssima ainda (embora de forma muito geral), não apenas para a obra do polígrafo italiano, mas para muitas outras: Aron explica a sua intenção de leitura (é preciso, com efeito, ter-se um objetivo ao ler...): procurava o essencial, que Pareto se obstinaria a dissimular sob uma massa enorme (e naturalmente aborrecida e repetitiva) de “erudição e verve”.

Pois é exatamente isso que ocorre muito em trabalhos intelectuais hodiernos (e em alguns mais antigos, obviamente). E não apenas em teses acadêmicas. Simples artigos, não só científicos em revistas especializadas, mas até de divulgação em jornais e publicações mais “leves” e em textos mais curtos, em muitos casos se camuflam de argumentos e dados que são adventícios, dispersivos, e em vez de solidamente provarem mesmo uma tese, uma ideia (ou, ao menos, procurarem fazê-lo), não raro apenas a intentam corroborar de forma retórica (da pior retórica, normalmente repetitiva de dogmatismos ou invocadora de pretensas autoridades), e quantas vezes iludem o cerne das questões. Aron sublinha essa importância de procurar, mesmo em obras volumosas e (pelo menos) a espaços tautológicas, o que é essencial. Retivemos isso do seu proporcionalmente longo prefácio, lido também em tempos de (nossa) juventude.

Não é este um caso único, como é sabido, de leitores privilegiados de obras clássicas, pelo menos miticamente. Harold Wilson terá confessado (facilmente se localizam referências na *Internet*) que começara a ler *O Capital*, de Karl Marx, mas desistira na segunda página. Cremos que há quem aponte essa desistência de leitura como tendo ocorrido apenas algumas páginas adiante, mas nem por isso muitas... Seja como for, atente-se, por exemplo, neste trecho:

“Former British Prime Minister Harold Wilson spoke for many when he said he started to read "Das

"Kapital" and gave up on page two. Karl Marx's masterwork is forbiddingly long and dauntingly dense - a book cited more often than read - but unquestionably one of the more influential books in history"⁵.

A pergunta inevitável, tendo como referência o Prefácio de Aron: será que não pensou Harold Wilson, ao ler o *Capital*, em saltar parágrafos, folhear páginas apenas, e nele procurar o essencial? Talvez, neste caso, o essencial fosse uma ideologia que já lhe era conhecida, e procurá-la numa obra tão portentosa, sobretudo para um político (logo, um homem essencialmente de ação) não seria rebarbativo? Por outro lado, não se deverá ser excessivamente duro para com o antigo Primeiro-ministro trabalhista britânico. É o próprio Karl Marx que adverte, no Prefácio à primeira edição desta obra, que “Em todas as ciências o início é árduo” e que “O primeiro capítulo, principalmente a parte que contém a análise da mercadoria, será conseqüentemente de uma compreensão um pouco difícil”⁶.

II. *Rer ler os Resíduos e as Derivações*

No caso de Pareto, de tudo o que lemos (e evidentemente a nossa memória seletiva será para a obra decerto injusta, reconhecemo-lo) retivemos algumas referências interessantes para a sociologia criminal *lato sensu*, que é, contudo, uma questão particular, e uma teorização mais global, que pode ter, em si mesma, e no seu uso mais ou menos criativo, muitas conseqüências. Trata-se da distinção entre resíduos e derivações. O próprio Raymond Aron, que não deixa de incluir Pareto no seu precioso *As Etapas do Pensamento sociológico*, assim resume a presente dicotomia ou *magna divisio*:

⁵ Apud <https://www.npr.org/transcripts/16697381>

⁶ MARX, Karl — Prefácio à primeira edição de *O Capital (Das Kapital)* in *Œuvres. Économie*, trad. franc., Prefácio de François Perroux, ed. estabelecida por Maximilien Rubel, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1963, vol. I, p. 547 (tradução nossa).

“(…) se as derivações se transformam depressa, os resíduos são relativamente constantes. No vocabulário de Pareto, os resíduos são os sentimentos ou as expressões dos sentimentos inscritos na natureza humana e as derivações são os sistemas intelectuais de justificação por meio dos quais os indivíduos camuflam as suas paixões ou dão aparência de racionalidade a proposições ou comportamentos dela destituídos. O Homem é com efeito um ser desatinado e raciocinador. Se raramente se conduz de maneira lógica, quer sempre convencer os seus semelhantes de que se conduz logicamente”⁷.

Pois bem. Demos connosco a pensar, perante uma sociedade, como esta presente, com tanto desperdício de capacidades latentes e mesmo presentes (tanto em potência, como mesmo em ato), tanta conversa “jogada fora”, tantas convicções infundamentadas, tanta permeabilidade a *slogans* populistas e demagógicos de vários sinais, tantas ambições fantasistas e naturalmente votadas ao fracasso e à desilusão, se não seria interessante tentar codificar, para as várias sociedades, os elementos residuais e derivativos, não apenas de forma sociográfica, mas também, *tant bien que mal*, normativa.

Não tenhamos medo da expressão “normativa”. Porque, não haja dúvidas: a partir do momento em que se desfere o veredito de impostura científica⁸, preconceito, tabu, etc., não pode deixar-se de proferir (ainda que de forma implícita e subentendida) uma condenação – e concomitante aprovação do(s) seu(s) simétrico(s) ou contrário(s). E assim, andar em busca dessas teias de aranha no espírito das pessoas pareceria ser obra benemérita, e até uma

⁷ ARON, Raymond — *Les Etapes de la pensée sociologique*, trad. port. de Miguel Serras Pereira, *As Etapas do Pensamento sociológico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991, p. 395.

⁸ Cf., por todos, PRACONTAL, Michel de — *L'Imposture Scientifique en dix Leçons*, Paris, La Découverte, 1986.

espécie de “caridade intelectual”, como decerto poderia ter dito (ou supostamente poderia ter pensado) Antonio Rosmini⁹.

Como proceder, então? Nomeadamente, repertoriando lugares comuns de grande nocividade ou, pelo menos, grandes perdas de tempo da Humanidade (obviamente que a recreação e o *otium* são partes essenciais da vida normal: não se trata de um qualquer neo Taylorismo¹⁰), ou de seus segmentos, que seria bom não repetir. Como, desde logo, credices e falsas ciências¹¹. Além de imensa maledicência.

III. *Que faire?*

Os tempos que vivemos hoje dificilmente poderiam ser piores para um tal empreendimento desconstrucionista.

Por um lado, a descrença nas tradicionais metanarrativas ideológicas, apesar de não consubstanciar uma verdadeira morte das ideologias¹², como se

⁹ Por todos, BERGEY, Marie-Catherine — *La Robe de pourpre. Vie d'Antonio Rosmini*, Bière, Paris, 2000; LOCKHART, William — *Vie d'Antonio Rosmini Serbati, Fondateur de l'Institut de la Charité*, trad. M. Segond, Perrin, Paris, 1889; PORTIER, Lucienne — *Antonio Rosmini, 1797-1855, un grand spirituel à la lumière de sa correspondance*, Cerf, Paris, 1991. Para a sua filosofia, especialmente, ROSMINI, Antonio — *Introduction à la Philosophie*, trad. fr., introd. e nota bibliog. de Jean-Marc Trigeaud, Bordeaux, Bière, s/d; Idem — *The Philosophy of Right*, trad. ingl. de Denis Clearry e Terence Watson, Durham, Rosmini House, 1993, 2 vols.. E uma nossa síntese: *Antonio Rosmini*, in *Philosophy of Law: An Encyclopedia*, 1.^a ed., Nova Iorque, Garland Publishing, 1999, vol. 2, p. 762 ss..

¹⁰ Aliás, um dos grandes problemas da infelicidade efetiva e da doença social dos nossos tempos reside no híper laboralismo, arrastando consigo desgaste, exaustão, competitividade desenfreada, desumanidade. É verdade que importa investir no progresso técnico, sobretudo para que, evocando Aristóteles, os moinhos possam andar por si próprios, poupando a escravatura humana. Mas a ideia de um crescimento e de uma produtividade sem fim e como finalidade em si tem-se revelado nefasta. Cf., v.g., LATOUCHE, Serge — *Petit traité de la décroissance sereine*, Paris, Fayard, 2007.

¹¹ Já, por exemplo, SERRÉ, Victor — *Des Préjugés et du charlatanisme en médecine*, Paris, Pillet, 1856. Recentemente, entre múltiplos, GOLDACRE, Ben — *Bad Science*, Londres, Harper, 2009; SMITH, Justin E. H. — *Irrationality. A History of the dark side of Reason*, Princeton e Oxford, Princeton University Press, 2020, máx. p. 131 ss. Nas ciências sociais, o clássico ANDRESKI, Stanislav — *Social sciences as sorcery*, Londres, André Deutsch, 1972. E, para a Medicina em especial, o nosso *Direito, Medicina da Cultura*, Coimbra, Almedina, 2024, p. 295 ss..

¹² Essencial se nos afigura o cotejo de dois textos: LYOTARD, Jean-François — *La condition postmoderne*, Paris, Minuit, 1979, trad. port., *A Condição Pós-Moderna*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 2008 e JAMESON, Fredric — Prefácio a *The Postmodern Condition: Report on Knowledge*, Minneapolis, The Univ. of Minnesota Press, 1984, p. XXIII.

apregooou e desejou (para fazer afinal triunfar uma só, de pensamento único¹³ - quem não se recorda do falso *slogan* TINA – “there is no alternative”?¹⁴...), pesa em largas camadas sociais. Uma empresa desse tipo poderia ser confundida com um projeto tingido das cores do mais constrangedor (e opressor) totalitarismo¹⁵.

Por outro lado, esbarraria com os ditames multidimensionais da correção política, social, e geral, normalmente traduzidos como ideologia *woke* ou *wokismo*¹⁶. De uma forma ou de outra, também estes movimentos são candidatos a uma limpeza de ideias-feitas e à sua substituição por novos pensamentos e novas práticas.

¹³ CHARDON, Jean-Marc / LENSEL, Denis (eds.) — *La pensée unique. Le vrai procès*, Paris, Economica, 1998 ; BEARD, Henry /CERF, Christopher — *Dicionário do Politicamente correto*, trad. bras. de Vera Karam e Sérgio Karam, Introdução de Moacyr Scliar, Porto Alegre, L&PM, 1994; SÉVILLIA, Jean — *Historiquement correct*, nova ed., Paris, Perin, 2006; MURRAY, Douglas — *The Madness of Crowds*, trad. port. de Fernanda Semedo, *A Insanidade das Massas. Como a Opinião e a Histeria envenenam a nossa sociedade*, Porto Salvo, Desassossego (Saída de Emergência), 2020; SARDENBERG, Carlos Alberto — *Neoliberal, Não. Liberal. Para Entender o Brasil de Hoje e de Amanhã*, São Paulo, Globo, CBN, 2008; BARROSO, Luís Roberto — *O Novo Direito Constitucional e a Constitucionalização do Direito*, in *Diálogos Constitucionais: Direito, Neoliberalismo e Desenvolvimento em Países Periféricos*, org. de Jacinto Nelson de Miranda Coutinho / Martonio Mont'Alverne Barreto Lima, Rio de Janeiro / São Paulo / Recife, 2006, pp. 324-325. Sobre o "neoliberalismo moral", cf. VITA, Álvaro de — *A Justiça Igualitária e os seus Críticos*, São Paulo, Martins Fontes, 2007, p. 29 ss. E o nosso *Vontade de Justiça. Direito Constitucional Fundamentado*, Coimbra, Almedina, 2020, Prefácio de Luiz Edson Fachin, *passim*.

¹⁴ Cf., por todos, GÉNÉREUX, Jacques — *Nous, on peut! Manuel anticrise à l'usage du citoyen. Pourquoi et comment un pays peut toujours faire ce qu'il veut face aux marchés, face aux banques, face aux crises*, Paris, Seuil, 2012.

¹⁵ ARENDT, Hanna — *Le système totalitaire*, trad. fr., Paris, Seuil, 1972 (1.^a ed., Nova Iorque, 1951); ARON, Raymond — *Démocratie et totalitarisme*, Paris, Gallimard, 1965; VIALATOUX, J. — *La Cité de Hobbes — Théorie de l'Etat totalitaire (Essai sur la conception naturaliste de la civilisation)*, Paris / Lyon, 1935 ; REVEL, Jean-François — *Ni Marx ni Jésus — La tentation totalitaire — La Grâce de l'Etat — Comment les démocraties finissent*, ed. rev. e aumentada, Paris, Robert Laffont, 1986; TODD, Emmanuel — *Après la démocratie*, Paris, Gallimard, 2008; MACIEL DE BARROS, Roque Spencer — *O Fenómeno Totalitário*, São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1990; GALVÃO DE SOUSA, José Pedro — *O Totalitarismo nas Origens da Moderna Teoria do Estado*, s.e., São Paulo, 1972. E ainda WIRTH, Laurent — *Enseigner le totalitarisme*, <http://aphgcaen.free.fr/totalit.htm>; Académie de Toulouse — *Enseigner les totalitarismes*, ed. online: <http://pedagogie.ac-toulouse.fr/histgeo/ressources/premnouv/prem-04/totalit.htm>. KERSHAW, Ian — *Retour sur le totalitarisme, le nazisme et le stalinisme dans une perspective comparative*, « Esprit », janeiro- fevereiro, 1996

¹⁶ De entre múltiplos, v. BOROWSKI, Elyane — *A Nova era Identitária: 'Ideologia Woke' e 'Cancel Culture'*, in “Finisterra. Revista de Reflexão e Crítica”, n.º 90, fevereiro de 2022, p. 103 ss.; BRAUNSTEIN, Jean-François — *La religion woke*, Paris, Grasset, 2022. E o número monográfico da “Revue des Deux Mondes”: *Rions, c'est l'Été. Le Bétisier du Wokisme. Perles et analyses*, Paris, julho-agosto de 2023; TROTTIER, Jean-Philippe — *Les Illusions dangereuses. Comment les idéologies nouvelles asservissent l'homme*, Paris, Artège, 2023.

E em contrapartida, a onda ascendente de populismos e demagogias (simétricos ao politicamente correto *woke*) igualmente tem alvos muito concretos a abater e propostas de vida a propor, *rectius*: mesmo a impor...

Estamos em tempo de profundos e ativíssimos candidatos a tutores da vida das pessoas comuns, de toda a gente. E repugna-nos profundamente poder quiçá parecer alinhar por esses intentos (obviamente de forma involuntária), sempre com laivos de totalitarismo. Mesmo que divirjamos completamente das perspetivas de muitos, nestes tempos complexos e com interpretações extravagantes, tudo pode vir a ser assacado a quem se manifeste. Nietzsche, na *Genealogia da Moral*, que disse que o intelectual pode eventualmente ser feliz (ou viver tranquilamente), mas se se souber calar durante algum tempo (o "suficiente")¹⁷...

Tudo isto, embora tenhamos que reconhecer que algumas bandeiras de tipo sanitário, higiénico, ecológico, de bem-estar animal, e, obviamente, contra todos os preconceitos e discriminações que a nossa Constituição elencou no n.º 2 do seu artigo 13.º, algumas bandeiras dessas são absolutamente legítimas e louváveis. Recordemos o aludido texto, embora classicamente não fosse de muito bom-tom citar legislação:

“Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.”

Ou seja: pensamos que seria um progresso social e moral se, por exemplo, as pessoas cuidassem mais da saúde, praticassem mais desporto, fossem amigas das árvores, dos rios, dos mares e dos bichos, e, no plano

¹⁷ NIETZSCHE, Frederich — *Genealogia da Moral*, Prólogo, 3, *in fine*. Sobre o retirar-se, em « suicídio moral », v. as interessantes páginas de MORAES, Wenceslau de — *Meditações*, Coimbra / Alcains, Alma Azul, 2009, p. 25 ss..

humano, não acreditassem que alguns possuem um sangue de cor azul que lhes daria privilégios (já Pascal o vira admiravelmente¹⁸), nem elevassem (ou rebaixassem) alguém por ser homem ou mulher (ou assumir uma qualquer orientação sexual), pertencer a esta ou aquela etnia ou estirpe (ou parecer que pertence), por falar ou não falar esta ou aquela língua (sobretudo se materna, mas em geral qualquer uma, e mesmo manifestar este ou aquele sotaque), por ter nascido (ou habitar) nesta ou naquela terra, por acreditar ou não nesta ou naquela religião, ou professar este ou aquele pensamento filosófico ou ideológico, por ter ou não ter mais, menos, ou esta ou aquela instrução, por se encontrar (ou se ter encontrado) nesta ou naquela condição económica ou social. Obviamente que há mais dimensões de não discriminação, mas estas são as essenciais, *hic et nunc*. A Constituição possui um *numerus apertus* de direitos, como se sabe (artigo 16.º, n.º 1). Para serem materialmente constitucionais (ainda que não o sejam, de facto, formalmente), eles não precisam de se encontrar expressamente tipificados no texto constitucional.

Além destas (sobretudo não discriminatórias), há um conjunto vasto de ideias mais afirmativas, mais positivas e não defensivas) para um mundo melhor. Não concordando *ipsis verbis* com todas aquelas para que já iremos remeter, algumas há que merecem destaque, por nos transportarem para um outro clima, um outro estilo, dir-se-ia mesmo, para uma outra “vibração”, ou estado (ou predisposição) de alma, muito diferentes da imersão na tristeza (até no desespero), na intriga, na calúnia, na irritação permanente de que se faz eco tanta comunicação social, espelhando uma realidade de debate social e político muito decaído e degradado, em múltiplos países. Assinalamos como contributo globalmente positivo e esperançoso o número de “The Monocle Companion”, que avança 50 ideias a considerar, pelo menos, da autoria de interessantes colaboradores, que ao menos merecem atenta apreciação¹⁹.

¹⁸ PASCAL — *Pensées*, V, 322 : “Que la noblesse est un grand avantage, qui, dès dix-huit ans, met un homme en passe, connu et respecté, comme un autre pourrait avoir mérité à cinquante ans. C’est trente ans gagnés sans peine”. E mais adiante reforça, sobre a própria instituição real, dir-se-ia a nobreza da nobreza, já que o monarca é (pelo menos) *primus inter pares*: “La puissance des rois est fondée sur la raison et sur la folie du peuple, et bien plus sur la folie” (*Idem, Ibidem*, V, 330).

¹⁹ AA. VV. — *Fifty ideas for a Better World*, A Monocle Books edition, Londres et al., Monocle, 2023. Sendo de assinalar alguns artigos como o que versa sobre o silêncio (p. 72), a

Mas, apesar de tanto necessário trabalho pela renovação e ética republicanas (que sempre se traduzem nos altos valores da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade²⁰) que ainda se nos depara pela frente, legitimamente e sem excessiva querela teórica que se lhe anteponha ou contraponha (a Constituição de 1976 foi aprovada com meros 15 votos contra), a via para um desnublado de preconceitos e erros, enquistamentos mentais, mitos urbanos (e rurais), parece, todavia, estreitar-se, tantos e tão empenhados se revelam nos nossos tempos os aguerridos candidatos a formatar o pensamento e a prática das pessoas. E pretendendo fazê-lo de forma por vezes alegadamente constitucionalíssima, mas, no fundo, intrinsecamente anticonstitucional (eventualmente inconstitucional, se se tratar de *démarches* normativas), desde logo por uma ânsia de imposição dogmática e um latente ódio ao diálogo, à composição, ao próprio respeito pela natureza humana (com todas as suas fragilidades) e às tradições (com toda uma sabedoria ancestral, a que se mescla, aqui e ali, muito absurdo...). Ou seja, pensando e agindo essencialmente de forma antidemocrática.

Ora, do que se deveria tratar, seria de algo de diverso: do exercício livre da crítica e da análise racional, apurando cientificamente e sem pré-juízos o trigo e o joio dos lugares-comuns, das ideias feitas. Não de forma por seu turno fechada, construtivista, dogmática, sistemática, ou axiomática, mas antes problemática, aporética, aberta, tópica²¹.

Alguns já o fazem, e naturalissimamente, como quem respira. Como não recordar, entre nós, de resto em tempos difíceis para a liberdade (e talvez

mudança (p. 76), a imaginação (p. 84), a utopia (p. 86), uma escolha sábia das palavras (p. 100), a concentração (p. 29), fazer amigos (p. 146), a hospitalidade (p. 164), o sono (p. 180) e, naturalmente e com muita propriedade e utilidade, o bom senso (p. 200).

²⁰ V., em geral, o nosso *Para uma Ética Republicana. Virtude(s) e Valor(es) da República*, Lisboa, Coisas de Ler, 2010.

²¹ Siga-se a monumental obra de PUY, Francisco — *Tópica Jurídica. Tópica de Expresiones*, México, Porrúa, 2006, seguindo já a mais antiga, e pela qual conhecemos o autor sem o ter ainda encontrado pessoalmente, PUY, Francisco — *Tópica Jurídica*, Santiago de Compostela, Imprenta Paredes, 1984. V. ainda, por exemplo, nesta senda, Idem — *Teoría Tópica del Derecho Natural*, Santiago do Chile, Universidad Santo Tomás, 2004. Um *turning point* metodológico houvera sido (mas, apesar do seu imenso valor, sem a altura vivencial e frescura de espírito, agilíssimo, de Puy), VIEHWEG, Theodor — *Topik und Jurisprudenz*, Munique, C. H. Beck'sche V., 1963. Para o enquadramento metodológico-filosófico destas correntes e das suas parentes e adversas, cf., entre nós, TEIXEIRA, António Braz — *Breve Tratado da Razão Jurídica*, Sintra, Zéfiro, 2012, máx. p. 176 ss..

se possa afirmar, mais ainda para a liberdade de pensamento crítico) o *Dicionário crítico* de António José Saraiva, que aliás evoca um outro grande pedagogo e “desconstrutor”, *avant-la-lettre*, na sua dedicatória, António Sérgio?²² Apenas para dar um exemplo grande. Na outra margem do vasto lago Atlântico, também Jean Lauand (dentro da sua vastíssima e multifacetada obra) tem empreendido, com a sua imensa erudição, sentido crítico, ironia e até humor superior, um levantamento e estudo de expressões brasileiras com alcance filosófico-sociológico²³.

Mas a própria comunicação dos resultados de estudos mais aprofundados e livres dos preconceitos envolventes, com seus implícitos temores reverenciais, pode ser perigosa aos novos desbravadores, porque essa sua *ciência novíssima*²⁴ (como, no passado, muitas ciências então novas) brigará patentemente com ideias feitas, enraizadas, certezas particulares, fantasmas residentes e demónios familiares²⁵, bases sobre que se constroem vidas, reputações, fortunas, poderes, e, portanto, chocariam muitos interesses. E, porém, há quem, como Galileu Galilei, acabe sempre por ao menos murmurar, entre dentes: “E contudo, ela move-se!”. A terra move-se e o pensamento crítico também. Pelo menos, ainda não houve nenhum totalitarismo que o tivesse conseguido sufocar completamente (apesar de portentosas tentativas e obviamente de resultados terríveis). Isso nos pode fazer presumir que, no futuro, apesar dos nefastos vaticínios de tantas distopias²⁶, sempre haverá quem cultive o pensamento livre. O que nos pode e deve tranquilizar, mas não induzir à inércia.

²² SARAIVA, António José — *Dicionário Crítico de algumas ideias e palavras correntes*, Lisboa, Europa-América, 1960.

²³ Cf. a coleção Jean Lauand, da Editora Enguaguaçu, e especificamente a introdução ao volume 3, de LAUAND, Jean — *Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras*, São Paulo, Enguaguaçu, 2023, p. 19 ss.

²⁴ Permitimo-nos evocar o clássico título de VICO, Giambattista — *La Scienza Nuova*, 3.^a ed., introd. e notas de Paolo Rossi, Milão, Rizzoli, 1988 (1.^a ed. em 1725).

²⁵ COHN, Norman — *Europe's Inner demons*, trad. cast., *Los demonios familiares de Europa*, Madrid, Alianza Editorial, 1987.

²⁶ Cf. o nosso *Constituição, Direito e Utopia. Do Jurídico-Constitucional nas Utopias Políticas*, Coimbra, 'Studia Iuridica', Boletim da Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra/Coimbra Editora, 1996, com abundante bibliografia. V. ainda, mais recentemente, ALMEIDA, Philippe Oliveira de — *Crítica da razão antiutópica*, São Paulo, Loyola, 2018.

E volta-se ao problema posto. Será que, precisamente ainda em nome desse pensamento livre, se deverá deixar, como tem estado, o erro e o obscurantismo tão à solta?²⁷ Um manual das más ideias-feitas não seria interessante, e mais ainda útil, quiçá utilíssimo? Alguém nos poderá objetar que Flaubert, no seu tempo, já de algum modo o fizera, ainda que envolto em ironia, nessa obra deliciosa que é o *Dictionnaire des Idées reçues*²⁸. Mas que influência realmente terá tido essa obra-prima sequer na sociedade e na cultura popular francesas? Por outro lado, também frequentemente se sublinha que estas ideias-feitas eram sobretudo as dos salões, da intelectualidade, da política, as ideias-*chic*. Ora do que se trataria seria não apenas de dissecar estas, como as de *M. Tout le Monde*.

IV. *Adentrando a floresta de enganos*

Flaubert inventariou sobretudo expressões e ditos, algumas máximas, etc. Nesse quimérico empreendimento crítico-científico, seria igualmente de fazê-lo, embora suspeitemos que a subtileza e ironia da abordagem flaubertiana pudesse ser muito pouco entendida pelo vasto público a que a nova empresa teria de dirigir-se. A linguagem, perdendo muito em sabor, e a conceção em complexidade e polissemia, cremos que teria de ser muito denotativa, e as explicações muito mais extensas. Notamos que há uma cumplicidade evidente entre ideias e atitudes, mesmo simples, elementares, do mero comportamento público de trato social, de coexistência e interação.

Assim, talvez um começo fossem observações sobre postura corporal. Há gentes que (não possuindo qualquer *handicap* ou especificidade física ou mental) vivem como que enroladas sobre si mesmas, ou, pelo contrário, espreguiçando-se permanentemente, coçando-se, fazendo esgares, abanando as pernas ou os pés quando sentados, e calçando-se e descalçando-se, mascando pastilha elástica, etc.. Note-se que se trata de pessoas comuns, que apenas

²⁷ Cf., por todos, já BARILIER, Étienne — *Contre le nouvel obscurantisme. Éloge du progrès*, Lausanne, Éditions Zoe / l'Hebdo, 1995.

²⁸ FLAUBERT, Gustave — *Dictionnaire des Idées Reçues*, Paris, post., 1923, trad. port. de João da Fonseca Amaral, *Dicionário das Ideias Feitas*, Lisboa, Estampa, 1974.

parece desprezarem as “posturas” socialmente consideradas adequadas. Igualmente relevam atitudes na fala, com o uso imoderado do insulto, e, mais ainda, do estribilho de baixo calção, ou, talvez pior ainda, o imoderadíssimo uso do berro, o registo altíssimo sempre, o grito, o grunhido. Ressalvando sempre que não se trata de tiques, mas de opções. São pessoas que não desconhecem os usos sociais, e poderiam, se quisessem, agir diferentemente, desde logo não incomodando os outros.

Não se trataria – note-se – de um manual de compostura ou de boas maneiras. Mas há, acima de tudo (quem o poderá desmentir?), posturas corporais que fazem mal à saúde, e práticas convivenciais que também têm efeitos nocivos. Dir-se-á, ripostando, que estamos num domínio medicalista e paternalista... Sim, se enveredarmos por esse tipo de crítica, a única resposta é a do *laissez faire, laissez passer*. E tem sido esta a assumida por muitos responsáveis, desde logo porque educar, mesmo meramente no plano da saúde, custa (está a custar cada vez mais²⁹), e esbarra contra hábitos e vontades. Pierre Zaoui, por exemplo, assume uma posição a nosso ver radical:

“En général, on ne peut jamais décider d’avance de la vie et de la nature des gens, grande ou petite, bonne ou mauvaise, et c’est même là une très grande sagesse commune que de ne pas trop vouloir changer ni les autres ni soi-même”³⁰.

Problemas deste tipo têm tendência a colocar-se sempre, em várias temáticas. Até que ponto não deve haver não dizemos imposição, mas sensibilização? Os casos do fumo, dos psicotrópicos e do álcool são eloquentes. Vai impor-se agora uma lei seca? Aprofundar-se as já restritas

²⁹ As dificuldades pedagógicas não são de agora, nomeadamente as que decorrem de uma demissão, por vezes demissão ativa, se diria, de vários responsáveis, em grande medida por motivos de preguiça, entre grande parte por desígnio de popularidade, acabando por ser os educadores da linha da frente os que mais sofrem. Cf. já, curiosamente, algumas inspirações em SERRAS PEREIRA, António — *Filosofia do Senso Comum*. « Os Problemas Fundamentais da Filosofia », Lisboa, ed. do autor, s.d., p. 225 ss..

³⁰ ZAOUÏ, Pierre — *Spinoza. La décision de soi*, Paris, Bayard, 2008, extraits « Magazine philosophique », Dossier / “Comment prendre la bonne décision ?”, janeiro de 2024, p. 7.

proibições de fumar? Recuar na relativamente permissiva legislação da droga? Não o cremos vantajoso, nem sequer pedagógico. Mas poderá deixar de se fazer a promoção informativa do certo e do errado, do que faz mal e do que faz bem, apenas para não incomodar quem não quiser ser molestado com essa campanha?

Outro aspeto a observar é o da locomoção. Com efeito, há pessoas que vagueiam erráticamente a pé, subindo e descendo passeios, avançando, recuando e fazendo arabescos laterais, e naturalmente chocando com outras pessoas, transeuntes pacatos, que em si não possuem instalado (quicá nos ombros ou algures no pescoço) um previdente retrovisor. Mas a dança de São Vito de alguns prolonga-se e aprofunda-se, adensando o perigo, com o uso de temíveis trotinetes, silenciosas e desrespeitadoras de quaisquer regras do trânsito: invadindo sobranceiramente os passeios, ziguezagueando caprichosamente. Um indefeso idoso (ou uma qualquer pessoa com dificuldades em mover-se ou simplesmente com menos atentos reflexos), de bengala, e mais ainda se de canadianas, deve pensar hoje duas vezes antes de sair à rua, para enfrentar este trânsito caótico e potencialmente gerador de acidentes, a menos que possua um batalhão vigilante de anjos da guarda.

E ainda não chegamos às coisas do pensamento e do espírito propriamente ditas.

Como tem sido repetido, as nossas sociedades são, em enorme medida, de pura aparência. Vai daí, tempo, dinheiro e empenhamento pessoal investem-se em exhibir, aparecer, ostentar. Vivemos, como é lugar comum já (de que, porém, não se tiram as devidas consequências), numa sociedade do espetáculo³¹. Há uma curiosa e cremos que perversa confusão entre a necessária padronização da moda, sacrificando às leis da imitação, e um pretenso incitamento social à originalidade e autenticidade de cada um (estamos num mundo de feroz individualismo³² mas de massificação³³). O que

³¹ DEBORD, Guy — *La société du spectacle*, Paris, Gallimard, 1992; VARGAS LLOSA, Mario — *La civilización del espectáculo*, Madrid, Santillana, 2012.

³² Cf. MACPHERSON, C. B. — *The Political Theory of Possessive Individualism*, Clarendon Press, Oxford University Press, 1962; CAMPS, Victoria — *Paradojas del Individualismo*, Crítica, 1993, trad. port. de Manuel Alberto, *Paradoxos do Individualismo*, Lisboa, Relógio D'Água, 1996.

se agrava com a mania de espantar um pretensa felicidade, juventude, beleza e riqueza, de que as redes sociais são a *passerelle* apoteótica. E o curioso é que muitas pessoas aparentemente de bom senso e atiladas acabam por sacrificar a estas divindades da vaidade.

Parece aplicar-se aquele *slogan*, entre nós glosado por Angela Klein, “seja diferente, faça como toda a gente”. Razão tem Byung-Chul Han quando mete o dedo na ferida da grande encenação e do *marketing* pessoal, ainda que não apercebido por muitos:

“A sociedade da autenticidade é uma sociedade da *performance*. Todos se performam. Todos se produzem. Todos celebram o culto, a missa do eu, em que cada um é o sacerdote de si mesmo”³⁴.

Tirando adiante consequências mais claramente ideológicas deste fenómeno, depois de analisar criticamente as perspetivas de Taylor sobre o culto da autenticidade:

“A autenticidade representa uma forma de produção neoliberal. A pessoa explora-se voluntariamente acreditando que está a realizar-se. Por intermédio do culto da autenticidade, o regime neoliberal apropria-se da própria pessoa e transforma-a num centro de produção de eficiência superior. Desse modo, a pessoa, na sua

³³ Cf., v.g., ORTEGA Y GASSET, José — *La rebelión de las masas*, 25.ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1986; SOARES, Rogério Ehrhardt — *Direito Público e sociedade técnica*, Coimbra, Atlântida, 1969; DUPRON, Alphonse — “Formas da cultura de massas: Dos agravos políticos à peregrinação pânica (Séculos XVIII-XX), in *Níveis de Cultura e Grupos Sociais*. Colóquio da Escola Normal Superior de Paris 87 a 9 de maio de 1966), AA. VV., trad. port., Lisboa, Cosmos, 1974.

³⁴ HAN, Byung-Chul — *Do Desaparecimento dos Rituais. Uma Topologia do Presente*, trad. port. de Carlos Leite, Lisboa, Relógio D’Água, 2020, p. 26.

totalidade, é incorporada no processo de produção”³⁵.

Recuemos um pouco. A verdade é que até Salazar dizia que em política “o que parece, é”. Mas não é só em política. O investimento em *performance*³⁶, em *marketing* pessoal é generalizado e muito alto, e em muitos casos resulta muito bem. Alguns se espantam que não em todos. Há, com efeito, redutos em que o espalhafato, a ostentação, a sofisticação, funcionam ao contrário, como indícios de superficialidade... Mas são certamente terrenos cada vez mais raros.

David Hume tratou da questão, no seu tempo, sob o prisma da modéstia e da imodéstia. A nosso ver considerando, a dado passo da sua reflexão, que, na medida em que a imodéstia, apesar de ser um vício, acaba por granjear efeitos positivos, para quem a ostenta, semelhantes aos de uma virtude, muitos por isso tentaram falsamente, de forma postiça, ser imodestos. Contudo, sem bons resultados: porque a sua natureza os impelia até irresistivelmente para a modéstia. Em contrapartida, isso sim, os naturalmente imodestos, esses, terão muito maior êxito³⁷.

Vejamos alguns exemplos, que aliás são banais, e poderão ser facilmente acrescentados, por analogia. E não se pense que as questões mundanas são pouco importantes no conjunto dos problemas sociais e culturais³⁸.

São automóveis luxuosos, não importa se pagos em intermináveis e leoninos créditos. As velocidades que atingem em geral estão muito para lá dos limites legais de velocidade. Mas o pior não será isso. Quanto mais sofisticada a viatura, mais parece intrometer-se, de forma onisciente, nas opções do

³⁵ *Idem, Ibidem.*

³⁶ Cf., HAMANT, Olivier — *Antidote au culte de la performance: La robustesse du vivant*, Paris, Gallimard, 2023.

³⁷ HUME, David — *De los prejuicios morales y otros ensayos*, ed. castelhana, com estudo preliminar de José Manuel Panea Márquez, trad. De Sofía García Martos e José Manuel Panea Márquez, Madrid, Tecnos, 1998, máx. p. 26 ss..

³⁸ Cf., v.g., BEIGBEDER, Frédéric — *La Frivolité est une affaire sérieuse*, Éditions de l’Observatoire, 2018. V. ainda, nomeadamente sobre dandismo, narcisismo, despesismos vários, magnificência, hedonismo, ONFRAY, Michel — *La Sculpture de soi. La morale esthétique*, Paris, Grasset, 1993. E sobre o snobismo, v.g., CLINCHAMPS, Ph. Du Puy de — *Le Snobisme*, Paris, PUF, 1964.

condutor. Chega a chamar-lhe à atenção se crê que não está a dirigir bem. *Big brother* automóvel *is watching you...*

São roupas dispendiosas e ostentatórias, que se usam e logo se aposentam. Há mesmo quem as deite ao lixo, ou – quiçá para salvar a consciência – ofereça a entrepostos de caridade, onde alguns as vão recolher; mas, diz-se, depois de usadas uma vez ou duas, logo as depositam no lixo, para não se darem ao trabalho de as lavar.

São cabeleireiros, barbeiros, maquilhagens e tratamentos e procedimentos de cosmética, massagens e afins (masculinos e femininos, hoje), além de tatuagens, joias e outros adereços. O conjunto de estabelecimentos deste tipo que têm aberto é imenso. Ainda há anos (quinze?) era quase impossível encontrar um simples barbeiro masculino em São Paulo. E na cidade do Porto, que tenhamos dado conta, resistiam apenas media-dúzia de estabelecimentos tradicionais. Hoje quase haverá decerto um, e sofisticado, em cada bairro, se não em cada rua mais central.

Nada temos contra o parecer bem, ficar bem, e até seduzir (*latissimo sensu*) com esses inocentes ardis... Vivemos num mundo de sedução, a começar pelo Estado³⁹... O problema é quando a vida se reconduz a essas exterioridades e artifícios... *Sofrer para belo/a ser* já é penoso. O problema é o tempo que resta para atividades profissionais, formativas e lúdicas... E para que a mente se abra, desabroche, e o olhar se concentre, por vezes semicerrando os olhos, para entender melhor o mundo real em que se está. Nem todos podem ser sábios (no sentido da verdadeira sabedoria, não da mera erudição), mas todos podem ser moderadamente prudentes e esclarecidos. E ter uma existência pautada por valores, desde logo buscando uma felicidade autêntica, profundamente enraizada⁴⁰. Até quando poderão subsistir sociedades em boa medida impregnadas de um vazio ético?⁴¹

Quando a meditação não tinha ainda entrado na mó de cima da moda (portanto certamente corrompendo-se em modos da sua exercitação meramente

³⁹ DEBRAY, Régis — *L'État séducteur*, Paris, Gallimard, 1993.

⁴⁰ WEIL, Simone — *O Enraizamento*, trad. port. e notas de Júlia Ferreira e José Cláudio, Lisboa, Relógio D'Água, 2014.

⁴¹ JUDT, Tony — *Contre le vide moral*, trad. fr., Paris, Flammarion, 2015.

formais, mecânicos, sociais, dir-se-ia até, se não fosse deslocado face ao *quid*, ostentatórios) era curioso observar como muitos dos que esbanjavam jorros de tempo a escolher roupas ou iguarias (bens materiais, em suma – e pensa-se sobretudo em acumular⁴²), e outro tanto em discuti-los entre si, regateavam dez minutos ou vinte para a prática meditativa quotidiana. Como se trata de uma atividade (ao contrário do que alguns pensam) ideologicamente transversal (como aliás a espiritualidade em geral, que pode ser religiosa ou laica⁴³), não necessariamente afeta a religião ou filosofia, atrevemo-nos a chamar à colação essa realidade. Mas igual *décalage* de emprego do tempo se poderia detetar para a prática religiosa (nomeadamente os vários tipos de oração), do desporto, ou mesmo da leitura e da audição musical de qualidade.

A realidade é sempre muito complexa, nunca com a facilidade do preto-e-branco. O grande filósofo medievalista Étienne Gilson recorda, numa aliás sedutora conferência sobre Petrarca⁴⁴, que este, quando encontrou, a 6 abril de 1327, na igreja de Santa Clara de Avignon, onde encontraria a sua musa, a que chamou “Laura”, era um clérigo tonsurado, sem dúvida (mas sem ter tomado ordens), um letrado, escritor ainda apenas em Latim. Até aí nada de surpreendente. Mas acrescenta o conferencista um toque que poderá surpreender alguns, habituados a uma realidade demasiado unidimensional: era Petrarca uma espécie de janota, de *dandy*. Nas suas cartas, lamenta o tempo que passa no barbeiro e alude às torturas dos seus pobres pés, para caberem no calçado à moda. Quem diria!

Tudo isto dito (mais perto do nosso ponto), sobretudo o que mais choca ainda são as frases feitas, as ideias de pronto-a-vestir, para mais se apregoadas de forma altissonante, ou com modulações vocálicas e trejeitos corporais pretensamente indicativos de grande estudo e sabedoria, quando, na verdade, se

⁴² YANAGI, Soetsu — *The beauty of Everyday Things*, trad. ingl. de Michael Brase, Londres et al, Penguin, 2017; ADAMSON, Glenn — *Fewer, Better Things. The hidden wisdom of objects*, Londres et al., Bloomsbury, 2018.

⁴³ Por todos, v. FERRY, Luc — *La Révolution de l'amour. Pour une spiritualité laïque*, Paris, Plon, 2010.

⁴⁴ <https://soundcloud.com/mab-mab-4/etienne-gilson-sur-lamour-de-petrarque>

trata de rasteiro mimetismo⁴⁵. Ainda se os objetos copiados valessem alguma coisa!...

Há, contudo (nota-se com bastante facilidade), o palavreado pseudocultural. Com que se embrulham, por exemplo, comentários a obras artísticas ou mesmo literárias, em muitos casos com nulo sentido até, mero acumular de palavras-lugares-comuns sonantes ou pelo menos complexas e com *status*. E o “público” (claro que se trata de segmentos sociais determinados), sem espírito crítico (mas muito snobismo), enche-se destas insignificações (e insignificâncias), porque se sente comungar da mística de um grupo de eleitos, que não entendem significados, mas apenas se transportam pela força de um mantra numa língua misteriosa e cifrada...

Mas ao lado desta mistificação sem sentido (apenas com o sentido de congregar certos públicos... mantendo distantes os profanos, os quais, porém, por vezes até reverenciam o que não entendem e não partilham) há muito do que se diz que tem evidente e clara denotação.

Se nos primeiros casos se trataria, para combater a mistificação, de uma ofensiva cultural muito complexa, tocando sobretudo vaidades e famas, que solidamente se enraízam em poderes, instituições e possuindo um substrato de seguidores, como que crentes de religiões fanáticas, já naquele segundo tipo de situações quiçá alguma atividade desmistificadora, designadamente levada a cabo pelos *media*, por formas artísticas, e com a acidez de algum humor (mas sem excesso de elitismo, sob pena de fracasso completo da *démarche*), poderia haver algum sucesso. Nunca total (não tenhamos ilusões), mas um pouco se poderia elevar o nível, conseguindo que algumas pessoas encontrassem o seu próprio caminho, libertando-se do casulo de gurus e modas. Aumentado assim a verdadeira autenticidade, aperfeiçoando a comunicação, e elevando a racionalidade...

De que falamos? Antes de mais, de preconceitos quotidianos, que encham o falar de comadres e compadres. São ditos e narrativas sem qualquer

⁴⁵ É sempre muito instrutivo voltar ao clássico TARDE, Gabriel de — *Les Lois de l'imitation*, Paris, 1895, trad. port., *As Leis da Imitação*, Porto, Rés, s/d.. V. ainda, sobre a influência coletiva do panurgismo, v.g., SIRE, M. — *La vie sociale des animaux*, Paris, Seuil, 1960, máx. p. 25 ss.

pretensão cultural, é verdade, mas que estruturam afinal uma compleição moral e uma visão do mundo (ou, para usar o termo de Dilthey, *Weltanschauung*).

Diremos, porém, que se nos afigura que esta estruturação moral e de cosmovisão é de índole superficial, e mutável (desde logo os mitos, preconceitos e tabus relativos a costumes, por exemplo, têm mudado muito, e mais recentemente até com bastante velocidade temporal), e não constitui, verdadeiramente, uma verdadeira e própria consciência coletiva⁴⁶. Começa, aliás, por não ser partilhada pelo todo da sociedade, mas sobretudo não tem um caráter de *ethos*, nacional (ou civilizacional...)⁴⁷ desde logo, nem perenidade suficiente (pelo menos, para alguns dos seus traços assim se espera). Talvez possamos convocar, assim, em vez da consciência coletiva, quiçá o conceito de mentalidade⁴⁸.

Vejamos algumas ilustrações.

São tabus alimentares, por exemplo⁴⁹. A medicina e a dietética deveriam apenas explicar da validade ou não dessas crenças, segundo as quais se morre consumindo água depois de ingerir melão, ou beber vinho após comer melancia.

São generalizações infundadas sobre os políticos, a corrupção e os crimes. E um rosário de queixas sobre a lentidão processual⁵⁰. Os órgãos da estatística (ou as autoridades, que a estas têm acesso) deveriam martelar (n)a

⁴⁶ Cf. DURKHEIM, Émile — *De la division du travail social*, Paris, PUF, 1960, p. 46 ss..

⁴⁷ *Ibidem*, p. 392.

⁴⁸ V., por exemplo, BOUTHOU, Gaston — *Les Mentalités*, 2.^a ed., Paris, PUF, 1958; GONZÁLEZ MÍNGUEZ, César — *La otra História. Sociedad, Cultura y Mentalidades*, Bilbao, 1993; ROMERO, Jose Luis — *Estudio de la Mentalidad Burguesa*, Madrid, Alianza Editorial, 1987; VOVELLE, Michel — *Ideologies and Mentalities*, in *Culture, Ideology and Politics*, ed. por Gareth Stedman Jones / Raphale Samuel, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1982. Há ainda a considerar a questão sob o prisma dos valores particulares, nomeadamente de classe ou grupo. Por exemplo, HOURDIN, Georges / GANNE, Gilbert — *Les valeurs bourgeoises*, Nancy, Berger-Levrault, 1967, trad. port. de Alfredo Barroso, *Os Valores Burgueses*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d..

⁴⁹ Cf., por todos, CASTRO, Josué de — *Fisiologia dos Tabús*, São Paulo, Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1938, máx. p. 47 ss. (para tabus alimentares brasileiros).

⁵⁰ Este é um dos tópicos que entrou para o património comum das ideias-feitas sobre a Justiça. Seria interessante segui-lo na literatura, no cinema, etc. Um exemplo apenas, de um romance que fez muito furor no seu tempo, e ainda tem admiradores hoje: PAÇO D'ARCOS, Joaquim — *Ana Paula. Perfil duma lisboeta*, Lisboa, Parceria A. Maria Pereira, 1938. Assim reza, a pp. 10, manifestando-se como mero eco da *vox populi*: “Há três meses que isto dura, não creio que acabe tão depressa. Vejo tudo tão atrasado, o processo nem está concluído e sempre ouvi dizer que não há máquina mais lenta do que a Justiça”. Afigura-se-nos que estas duas linhas dariam pano para mangas para uma desconstrução de conceitos e preconceitos difusos...

comunicação social, explicando o que realmente se passa. Até com atualização diária, ou “ao minuto”, e comparação entre países, e até cidades... Amplos painéis em praças públicas poderiam informar, em tempo real, ou quase, essa estatística comprada das condenações por crimes, selecionando, por exemplo, a meia dúzia de delitos mais graves (sem esquecer a corrupção). Afinal, bastaria ir consultar as estatísticas da Justiça⁵¹... e analisá-las bem. O problema é que se as condenações não acompanhassem o volume dos medos, haveriam de ser culpados os juízes...

Será tão difícil de compreender que nem todos os políticos são desonestos e se apropriam de meios públicos (apesar dos mitos instalados socialmente, estamos até em crer que tal poderá ocorrer apenas uma minoria: alguns, porém, já gritarão que tal será uma terrível ingenuidade, ou pior ainda...), a corrupção não é o que se diz (desde logo, entre nós, não será a praga tentacular que nos vendem ocorrer)? Em suma, a percepção de realidades, já filtrada pela propaganda alarmista, não é a própria realidade, mas constitui, isso sim, uma realidade outra, em si, que gera insegurança... Ora, dizia já o clássico conservador britânico Edmund Burke que nenhuma outra paixão, senão o medo, priva mais eficazmente o espírito de todas as suas capacidades de ação e reflexão⁵². E Al Gore enfatiza-o e cita-o logo no início do primeiro capítulo do seu *The Assault on Reason*⁵³. O medo é também um dos elementos (com o asco e o ressentimento, mas também até o amor, *hoc sensu*) apontados por Eva Illouz como instrumentos do populismo na sua cruzada contra a democracia⁵⁴.

Atentemos que não se trata meramente dos consabidos temas de predileção populista. São ainda muitas ideias-feitas sobre costumes, (i)moralidade alheia, doenças dos outros e próprias, fatalismos que fariam corar o fado mais choradinho⁵⁵. Aqui há narrativas muito correntes, que estarão longe de corresponder à evidente complexidade da realidade. Aliás, é curioso

⁵¹

https://estatisticas.justica.gov.pt/sites/siej/pt-pt/?pk_vid=95d5db5519066b9d1724887644c5436e

⁵² BURKE, Edmund — *A Philosophical Inquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and the Beautiful*, ed. de Adam Phillips, Oxford, Oxford University Press, 1998, p. 53.

⁵³ GORE, Al — *The Assault on Reason*, The Penguin Press, 2007, trad. port. de Mariana Pardal Monteiro, *O Ataque à Razão*, Lisboa, Esfera do Caos, 2007, p. 35.

⁵⁴ ILLOUZ, Eva — *Les émotions contre la démocratie*, Paris, Premier Parallèle, 2022.

⁵⁵ Cf. o nosso *Direito, Medicina da Cultura*, Coimbra, Almedina, 2024, p. 253.

que, como nos provérbios populares, há tópicos pelo menos em parte contraditórios entre si. Por exemplo:

Os estudantes que não conseguem passar de ano, ou alcançar boas classificações, seriam sempre massacrados e perseguidos por professores maus, sádicos, que os “tomariam de ponta”. E por isso alguns nunca atingiriam os seus objetivos, apesar da sua cândida e aplicada diligência... Passariam e obteriam boas classificações sobretudo (ou exclusivamente? Talvez nem tanto) os afilhados, os filhos, os amigos, aqueles *cujo nariz agradou*...

Em contrapartida, os jovens seriam sempre estouvados valdevinos e preguiçosos relapsos, esbanjando o dinheiro de pais sempre laboriosos e sacrificadíssimos.

Seria preciso analisar caso a caso... Mas são narrativas que se repetem demasiadas vezes, e em geral para justificar, para legitimar... As pessoas gostam imensamente de ter razão, e com elas os seus parentes e amigos, por quem inventam, não raro, mirabolantes narrativas...

“Um rol imenso de pessoas sem ocupação? Só não a tem porque se é preguiçoso, indolente, dependente do assistencialismo do Estado gigante e intrometido. Já que trabalho há muito e sempre” – dizem muitos alheados das realidades do trabalho e do emprego, normalmente abastados, ou filhos deles... O desemprego e o subemprego não têm, para esses, senão uma rasteira expressão psicológica, e a culpa é sempre dos desempregados, individualmente. Não dizemos, em contrapartida, que seja pessoalmente culpa dos empregadores, como é óbvio. Mas onde intervém a objetividade, desde logo a ciência da Economia? Para não falar da Sociologia... Nestas análises, os fluxos daquela ciência omitem-se e escondem-se atrás de um discurso moralista, culpabilizador, e ao mesmo tempo completamente alheado dos ciclos, das crises e da própria essência dos sistemas de propriedade. Este é apenas um exemplo do discurso da alienação.

Imaginem-se as estórias que se contam de pedintes. Que só aceitam dinheiro para vícios (nas décadas mais recentes, o privilegiado das narrativas é a droga), que deitam fora, até ostensivamente e com raiva, qualquer alimento que se lhes dê, que se vingam se não recebem esmola (sobretudo riscando

automóveis ou, no limite, furando-lhes os pneus – o que, contudo, será mais raro contar-se), que convidados para entrevistas de emprego a elas obviamente sempre faltam, porque preferem vagabundear, que recusam a disciplina e a higiene dos albergues, etc., etc.

Em contrapartida, há, sem dúvida, alguns casos de quem não tenha afeição ao trabalho, sim. Existe quem erija como modelo de vida (e até, em alguns países, por sucessivas gerações) o viver à custa das instâncias assistenciais, dos subsídios, sem fazer o menor esforço para mudar a sua situação. Mas também há quem trabalhe afincadissimamente, com brio e ingloriamente, para ganhar uma miséria e por vezes até ser desprezado e mesmo maltratado e assediado. Auferindo menos até que o ordenado mínimo, tantas vezes, o que claramente não paga os esforços hercúleos de alguns, que realmente mereceriam melhor sorte...

Porém, não pode deixar de se notar que também há quem trabalhe mal, displicentemente, falte muito, ou nem trabalhe, procurando viver dos subsídios do Estado ou da caridade sobretudo de alguns semi privilegiados ingénuos... Porém, continua a haver quem, por pergaminhos de nobreza reais ou imaginados, recuse pedir subsídios ao Estado, por alegada ou interiormente não querer ser “comunista” (ou algo do género), e prefira viver de outros expedientes... Algumas pessoas “de bem” parece chocarem muito outras pessoas “de bem” se caírem na indigência. Pelo que, por uma espécie de solidariedade de classe, alguns podem não tratar da sua vida (não se esforçarem o suficiente) e ancorar-se nos empréstimos ou dádivas dos seus pares... Pode ser até que recordem velhos tempos em que (miticamente ao menos) a família viveria de rendimentos. Quando era claramente de mau tom sujar as mãos trabalhando...

Também não se pretende que cada conversador de café ou de soleira de porta, de cabeleireiro, barbeiro, ou esteticista, seja um exímio cultor da análise das caprichosas curvas da Catalática. Mas um mínimo de conhecimento de Economia Política, muito elementar, mas rigoroso, ajudaria. Como, aliás, todos deveriam ter ao menos rudimentos de literacia financeira, que tanto teria ajudado (e continuará a ajudar) a que os mais ingénuos se não deixem seduzir

por quimeras do lucro bolsista e bancário fácil. Já nem se fala da literacia jurídica e constitucional, que é uma vergonha (e um perigo), cinquenta anos volvidos sobre a Revolução dos Cravos, não serem efetiva obrigação de cidadania na Escola, para todos.

Se fizermos intervir os dramas familiares, com doenças (sempre terríveis e em filigrana e pano de fundo, com algum fundo moralista, em muitos casos – kármicas, por essa ou outras palavras), traições e ruturas, os *clichés* são imensos.

Talvez já menos se pense hoje (ao contrário do que foi quase artigo de fé outrora, pelo menos em certas culturas) que uma criança nasceria com um *handicap* para expiar as “culpas” dos pais. Essa evolução civilizacional dá-nos esperança de que outros obscurantismos se poderão um dia vir a superar.

As imagens e as opiniões mudam muito, e depressa, na nossa atualidade. Somos do tempo, ainda não distante, em que os Brasileiros eram muito bem-vindos em Portugal. Havia por eles carinho, fraternidade, e até admiração. O português médio sentia a sedução da forma “sul-americana” do português, uma graciosidade no trato, a eloquência da palavra, a agilidade do “modo de ser”. Talvez alguns, mais paternalistas e algo nacionalistas, até se embevessem com o belo rebento da velha raiz lusitana. Reviam-se no Brasil, cuja semelhança e diferença eram condimentos de empatia.

Porém, os preconceitos contra os brasileiros em Portugal infelizmente têm vindo a aumentar, não cremos que generalizadamente, mas em alguns meios e estratos sociais. Seria muito interessante fazer estudos rigorosos que desmontassem as narrativas que os culpam por tantos males, empresariais, familiares e de ordem pública... Já há vídeos no *YouTube* em que brasileiros avisam outros brasileiros de como seria esperado comportarem-se em Portugal, para não serem estigmatizados.

Estamos convencido (mas obviamente que é uma fé pessoal) de que, neste como noutros casos, serão um punhado de situações excecionais que contribuirão para uma pior fama de toda uma vastíssima comunidade, que muito veio a enriquecer Portugal – em descontos para a Segurança Social e outros sistemas, em impostos (tranquilizem-se os economicistas), mas

sobretudo em diversidade cultural⁵⁶. E quem diz esta comunidade, diz outras... Por exemplo, cidadãos que vieram do Leste europeu também são vistos de soslaio por alguns, em certos meios... e todavia também contribuem para o bolo geral (desde logo da Segurança Social) e para o pluralismo de modos de ser, de pensar, de fazer...

Cada um conhecerá mais ou menos casos de tópicos perturbadores ou inibidores do arejamento de ideias e do conhecimento efetivo da realidade social. Seria de os procurar, juntar, relacionar, classificar, discutir e investigar, e mesmo fazer alguma coisa? Essa a atitude mais voluntarista.

Propendemos, tudo ponderado, e de momento, para apenas partilhar estas inquietações, e pensar que cada um deverá fazer o que lhe ditar a sua consciência e permitirem as suas forças e oportunidades. Não incitamos ninguém a nada. Quietismo? Antes de mais, e acima de tudo, *respeito*.

Como, precisamente, se trata de uma defesa da pluralidade dos valores culturais e espirituais, só na multiplicidade de afirmações e estilos tal se poderá manifestar. Na melhor das hipóteses, uma espécie de horda desarticulada, então? Não. Nada disso. Uma harmoniosa e multicolorida convergência natural, mas não articulada, de muitos sujeitos pensantes e que se espera sejam mais atuantes ainda. Pelo menos dando testemunho pessoal, agindo pelo exemplo. Para bem da Humanidade e do seu Progresso social, cultural e espiritual.

No fundo, trata-se de um outro despertar... mas não com martelo ou despertador estridente. Quando as luzes da madrugada fizerem desvanecer as trevas, como as hostes da Rainha da Noite se confundiram e desvaneceram no ataque final ao prudente e esclarecido Sarastro⁵⁷:

“Die Strahlen der Sonne
vertreiben die Nacht,

⁵⁶ Por exemplo, v. MOREIRA, Carlos Diogo — *Identidade e Diferença. Os desafios do pluralismo cultural*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1996.

⁵⁷ Na ópera de Mozart *A Flauta Mágica*. Para uma visão geral, v.g., HAREWOOD, Earl of (ed.) — *Kobbe's Complete Opera Book*, 10.^a ed., London, 1987, p. 114 ss.

zernichten der Heuchler
erschlichene Macht”⁵⁸.

Recebido para publicação em 27-08-24; aceito em 03-09-24

⁵⁸ Cf., v.g., PÂRIS, Alain — *Livrets D’Opéra. Édition bilingue*, Paris, Robert Laffont, 1991, 2 vols., vol. I – *De Beethoven à Purcell*, p. 939.